



mildemente com o teu Deus» é algo sempre próximo, é assim absoluto e requer nada mais que a completa disponibilidade e confiança⁵³.

A imagem de Maria, no seu longo caminho na fé, considerada símbolo do povo fiel e peregrinante e «ícone viva da mulher migrante»⁵⁴, também está presente nesta experiência espiritual. Ela, Mãe do caminho e da esperança, pede que empreendamos, cada dia, nova peregrinação em direção ao migrante, para oferecer o Filho, migrante e missionário do Pai, morto e ressuscitado por todos.

Endereço da Autora:

Instituto São Carlos
 Rua Álvaro Quadros, 563
 Caixa Postal 179
 Passo Fundo, RS
 E-mail: annalita@terra.com.br



Resumo: O autor parte do fato de que a vida do casal, pelo casamento cristão, é marcada pelo sacramento, sinal profundo de engajamento recíproco dos esposos e sinal da graça de Deus. O amor conjugal e o amor de Deus se completam. É no cerne da união entre esses dois amores que nasce a espiritualidade conjugal. Quando as mais simples tarefas são impregnadas de amor, o Senhor está lá, no coração do casal: a espiritualidade é, então, uma realidade vivida. De um tema tão vasto, o autor escolheu abordar algumas facetas: ter consciência de que não há amor sem sofrimento; ver no cônjuge um dom de Deus; estar alerta em relação às exigências que afogam; perceber a graça da renúncia e a relação entre Matrimônio e Eucaristia; vencer a apatia e ultrapassar as dificuldades do caminho: entender em que consiste a "submissão mútua" de que fala o Apóstolo (Ef 5,21-24). Assim, a espiritualidade conjugal é dom de Deus e destina-se a gerar frutos de santidade. Ela é, sem dúvida, um belo e fecundo itinerário de vida cristã.

Abstract: The author takes the sacrament of matrimony as the starting point for the life of married couples whose relationship is a sign of God's grace. Their conjugal love and the love of God are mutually complementary. This loving relationship originates a conjugal spirituality. In daily life thus imbued by love is had a type of spirituality that is experienced in practice. Among a varied assortment of valid themes the author selects those that include suffering in the experience of love and self-efacement as conditions to receive God's grace enriching human life in common, specially by the Eucharist and the attitude of docility to Christ our Lord (Ef 5,21-24). In this sense, conjugal spirituality is to be considered as a gift of God whose aim is to produce fruits of holiness. It is undoubtedly an exemplary and fruitful ideal of Christian life.

A espiritualidade conjugal

Carlos Martendal¹

53 Cf. BÁEZ, Silvio José. *L'esperienza d'Israele: Camminare con Dio*. In: *Rivista di Vita Spirituale*, n. 4-5, p. 351-367, 2004.

54 EMCC, n. 15.

1 O Autor é professor de Língua Portuguesa na UFSC, leigo engajado na Pastoral Familiar, membro das Equipes de Nossa Senhora, e mantém um programa semanal na Rádio Cultura e uma coluna mensal no Jornal da Arquidiocese.



“A vida do casal, pelo casamento cristão, é marcada pelo sacramento, sinal profundo de engajamento recíproco dos esposos e sinal da graça de Deus. O amor conjugal e o amor de Deus se completam. É no cerne da união entre esses dois amores que nasce a espiritualidade conjugal.

O desejo de conhecer e de fazer a vontade de Deus em todas as circunstâncias comuns da vida e a busca da sua presença, ajudam a desenvolver e a aprofundar a espiritualidade. O amor divino se expressa no amor humano quando a vida cotidiana é preenchida com a atenção e a solicitude dos esposos, um em relação ao outro, a ajuda e a fidelidade absoluta, a compreensão e o respeito mútuo, a harmonia de coração e de espírito. Quando as mais simples tarefas são impregnadas de amor, o Senhor lá está, no coração do casal; a espiritualidade é, então, uma realidade vivida.”²

1. Viver a espiritualidade conjugal

Viver a espiritualidade conjugal é, pois, viver no estado de casados segundo a vontade de Deus, buscando a santidade. Marido e mulher procurarão a Deus e se entregarão a Ele. É preciso, então, que o casal tenha um programa para o projeto de sua espiritualidade, pois o Senhor tem um projeto para eles como casal. Se descobrirem a vontade de Deus e a puserem em prática, poderão ter sempre diante de si um ponto de referência que lhes permita avaliar se estão crescendo na sua espiritualidade, ou se estão parados. Às vezes ouço casais dizerem: “Ainda estamos patinando na busca desse objetivo, estamos derrapando”. Ora, só patina o que quer ir para a frente, só derrapa o que está em movimento!

Os dois amores – o dos cônjuges e o de Cristo – se completam. Dois amores em um só amor! Por quê? Porque o amor de Cristo faz o casal enxergar que a verdadeira felicidade está na felicidade do outro. Então vão percebendo que, uma vez que escolheram amar um ao outro, esse processo não tem volta: chegarão à eternidade como casal. Porque assumiram o compromisso de trabalhar pela santificação do outro. E assim “se tornam exemplo de Cristo para seus amigos e para a comunidade”.³

² Guia das Equipes de Nossa Senhora, São Paulo, 2001, pp. 14-15.

³ Ser casal cristão hoje na Igreja e no mundo – Tema 3: A missão do casal cristão, ENS 2002, p. 69.



Aqui no Brasil, falando aos jovens no Pacaembu, em 10 de maio deste ano, o Papa Bento XVI afirmou: “O amor verdadeiro ‘procurará sempre mais a felicidade do outro, preocupar-se-á cada vez mais dele, doar-se-á e desejará existir para o outro’⁴ e, por isso, será sempre mais fiel, indissolúvel e fecundo”. No matrimônio, o marido procurará santificar-se para santificar; assim também procederá a mulher. Nessa busca da perfeição, tornar-se-ão sempre mais uma só carne e, ao mesmo tempo, um só espírito. Eles cumprem o que a *Lumen gentium* lhes pede: “Os esposos cristãos (...) ajudem-se mutuamente a conservar a graça no decurso de toda a vida” (n.41).

No capítulo 21 do evangelho de João (15-17), por três vezes Jesus pergunta a Pedro se ele O ama. E a cada resposta do discípulo, que ali faz sua profissão de amor, o Mestre lhe diz: “*Apascenta os meus cordeiros, apascenta as minhas ovelhas*”. Este ‘apascentar’ cabe, também, ao marido e à mulher, ao pai e à mãe, que repetem o Senhor ao dizerem: “*Eu mesmo vou tomar conta delas, vou apascentá-las em boas pastagens*” (cf Ez 34, 11-14). Apascentarão dando aos seus o alimento do amor, da bondade, da humildade, doçura, paciência, perdão, como lemos em Colossenses 3, 12-21, que Dom João Evangelista Terra chama de ‘as bem-aventuranças da família cristã’.

Numa reunião com cinco casais, perguntei-lhes se partilhavam entre eles, marido e mulher, sua espiritualidade. Por vergonha e timidez, principais motivos alegados, isso não acontecia. Noutra ocasião, visitando um casal amigo, ouvi-o dirigir-se à sua amada: “Querida, queria dizer-te como sinto a necessidade de ser salvo. E como preciso da tua ajuda para isso!”. Quando tal acontece, os dois se tornam ‘buscadores de Deus’, por quem se apaixonam, e a quem começam a buscar sempre com maior fervor, numa ardente impaciência evangélica.

2. Não há amor sem sofrimento

Não há amor verdadeiro sem sofrimento. É preciso passar pelo cadinho da provação. Esse sofrimento se manifesta ora com as vestes da indiferença, ora com a roupagem do comodismo, ora com a túnica da doença ou com a couraça do fechamento. Aquele que mais ama é o que mais vai ao encontro e, quanto mais vai, mais se assemelha a Cristo

⁴ Carta encíclica *Deus caritas est*, n. 7.



na sua relação com a Igreja. “Os esposos são para a Igreja o chamado permanente daquilo que aconteceu sobre a cruz: (...) testemunhas da salvação da qual o sacramento os faz participar”.⁵

O sofrimento implica aprendizado. Aprendizado de doação, paciência, confiança, esperança. Ele ensina a não contar comigo mesmo, mas com o Senhor que tudo pode, que me dá a força e a graça de que preciso. Como esposo, já passei por ele, na doença que, por quase quatro anos, burilou a alma dócil da Cida. Suportá-lo, com ela, fez desabrochar nossa espiritualidade. Ali, mais do que nos outros 26 anos de casados, pudemos ter como referência a cruz de Cristo, o seu amor pela Esposa. Na fidelidade da presença, do amparo e do conforto, pudemos cumprir a promessa feita quando casamos e que o casal cristão é chamado a renovar todos os dias: a de “ser fiel na saúde e na doença, na alegria e na tristeza” E esse amor, posso confirmá-lo já dez anos passados, *é forte como a morte* (Ct 8,6).

Quando se cumpre o que o amor exige, a resposta é sempre a paz que vem do Alto. Foi isso o que senti na sua hora derradeira: a dor suplantada pelo amor. Que me deu a paz. Eu lhe fechei os olhos. E nesse instante único na vida de um casal, pude ouvir no coração Dom Marcos Barbosa repetir-se naquele momento em que a vida encontrou a morte: “Quando eu fechar os olhos para a grande noite, sejam as tuas mãos que hão de fechá-los. E, quando os abrir para a visão de Deus, possa contemplar-te como o caminho, que me levou, dias após dias, à fonte de todo o amor”.⁶

Tínhamos os dois, já por muitos anos, o mesmo confessor. E foi na confissão, poucos dias depois de sua morte, que recebi o grande consolo: “Tu empurraste a Cida para o céu!”. É para isso que casamos: para apresentar nosso cônjuge ao Senhor “sem mancha nem ruga, mas santa e irrepreensível”.⁷

O Senhor nos confiou um ao outro. É um grande mistério por que nos encontramos. Por que, entre tantas, eu a escolhi, ela me escolheu? De onde veio essa atração mútua? Mistério de amor! O Senhor Deus viu que eu estava sozinho e, em mim, viu de novo Adão. Então disse:

5 Exortação apostólica do Papa João Paulo II sobre a função da família cristã no mundo de hoje – *Familiaris consortio*, n. 13.

6 Cântico das núpcias.

7 Cf. Ef 5,27.



“Não é bom que o homem esteja só; vou dar-lhe uma ajuda que lhe seja adequada” (Gn 2,18) Essa ajuda, diz nosso Catecismo, representa Deus, em quem está nosso socorro.⁸ Então, desde toda a eternidade, no seu projeto de amor para o nosso amor, ele pensou: no ano de 1943, vou criar esta mulher. E vou confiá-la ao Carlos. E assim se fez. Em 1964, Ele “levou-a para junto do homem” (Gn 2,22).

3. O dom do cônjuge

Foi este o presente, o dom que me reservou. E o presente é para ser desembrulhado, e não devolvido àquele que no-lo deu, assim como o recebemos. Deus confiou-me o meu cônjuge. **Confiar:** que verbo! No dia em que nos unimos em matrimônio, o sacerdote ou o diácono pergunta se estamos dispostos a receber com amor os filhos que Deus nos confiar. Primeiro Ele nos confia o cônjuge; em seguida, os filhos. Ele confia em nós, “terrível e divina confiança”, diz Caffarel.⁹ A desgraça é que nós, tantas vezes, não confiamos nEle... Queremos contar só com nossas próprias forças, esquecidos que “*sem mim, nada podeis*” (Jo 15,5). Eu sou um dom para ti e tu és um dom para mim, diz-se o casal. Se sou um dom, dou-me, e na doação eu doo tanto, e recebo tanto, que já não somos dois, “*mas uma só carne*” (Mt 19,6). Há, então, um dom sincero de si, “um dom que só se torna possível no encontro com Deus”.¹⁰

Se o cônjuge é dom, devo abrir-me aos seus conselhos, pois ele me foi dado por Deus como instrumento para minha santificação. Se sou dom, aprendo a colocar-me a serviço do outro, a ajudá-lo a crescer. Nós dois nos fundamos sobre o dom mútuo de um ao outro. O casal é, mesmo, um para o outro, um presente que os dois nunca acabam de desembrulhar. Sendo dom, vou servir a Deus naquele que Ele me deu de presente; sendo dom, vou “esforçar-me muito para mudar-me a mim mesmo a fim de ser para o outro um dom melhor”.¹¹ Assim, pouco a pouco, cada cônjuge se vê e vê o outro como dom providencial daquele que os chamou ao amor.

8 Catecismo da Igreja Católica, n. 1605.

9 Nas encruzilhadas do amor, Pe. Caffarel, Editora Santuário, 2003, p. 37.

10 Carta apostólica *Tertio Millennio Adveniente*, João Paulo II, n. 9.

11 Pat e Marguerite Goggin: Espiritualidade conjugal – Uma perspectiva antropológica, in “A espiritualidade conjugal”, ENS, São Paulo, 2006, p. 14.



4. Exigências que afogam

Muitas vezes, marido e mulher vivem na exigência única de direitos, afogando o cônjuge. Nesses corações a espiritualidade não se hospeda nem passeia. Faz alguns anos, coube-me concluir os dias de retiro de um grupo de casais. Chegando cedo, o coordenador do encontro entregou-me cerca de oitenta questionários respondidos. A uma das perguntas – “O que você gostaria de deixar nesse retiro” –, ela respondeu: “Quero deixar aqui o meu marido que me mata aos poucos”!

Ela não queria deixar o marido; queria, sim, deixar ‘o marido que a mata aos poucos’! Pode-se dizer que ali estava um homem incapaz de esvaziar-se de si mesmo, de abdicar dos próprios interesses em prol do bem do cônjuge que sufocava. Quando o eu se antepõe ao tu, tal é o resultado. E Paulo ensina que o amor “*não busca seus próprios interesses*” (1Cor 13,5).

Cada vez que renuncio, ressurjo; sempre que não renuncio, a morte ronda minha vida. Abdicar dos próprios interesses constitui abnegação, dom de si e esquecimento de si. Pe. Henri Caffarel, fundador das Equipes de Nossa Senhora, movimento de espiritualidade conjugal, disse certa vez: “O matrimônio consiste em dar-se um ao outro para, juntos, dar-se aos outros”. Dar-se um ao outro significa “viver na atitude do **para ti** e não na atitude do **para mim**”. Jesus foi incisivo: “*Se alguém quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, tome sua cruz cada dia e siga-me*” (Lc 9,23).

É isso a abnegação: entregar-se, como Cristo se entregou por sua Esposa, a Igreja (cf Ef 5,26). Cristo fez dom de si, esqueceu-se de si para nos salvar. Um amigo meu, aposentado, foi à cozinha e logo ouviu da esposa: “Não vem incomodar aqui!”. Ele saiu em silêncio e foi para o quarto rezar por ela. Mais tarde, quando a irritação tinha cedido lugar à calma, ele voltou ao local em que antes tinha ido para ajudar. Ela não lhe pediu desculpas. Ele continuou a compreendê-la, morrendo para o miserável amor-próprio, renunciando-se a si mesmo, por amor. Vivendo a espiritualidade, sabendo que “*ninguém de nós vive para si mesmo*” (Rm 14,8).

5. A graça da renúncia

Em tudo, mas especialmente no casamento é preciso pedir ao Senhor a graça de renunciar ao próprio eu. Talvez nunca, como na abnegação – sal do amor, precioso caminho para a santidade –, os dois



podem tornar-se uma só carne e, como ensina Tertuliano, um só espírito. E podem mesmo dizer, parafraseando Paulo: “*Já não sou eu que vivo, és tu que vives em mim!*”. Lemos na *Lumen gentium*: “Para que a caridade cresça na alma e frutifique, cada fiel deve (...), com o auxílio da graça de Deus, cumprir por obras Sua vontade (...) e aplicar-se constantemente à abnegação de si mesmo”.¹²

No casamento, Deus não quer que eu me anule, mas que forme unidade com o cônjuge. “Estou em ti! Sou um contigo!”, dizem-se esses dois que se amam. Repetem Jesus: “*Eu e o Pai somos um*” (Jo 10,30). A glória que Ele deu aos discípulos, oferece também aos cônjuges, “*para que sejam um, (...) para que sejam perfeitos na unidade*” (Jo 17,22-23). Então esses dois amores, que se unem num só amor, podem dizer-se: “À medida que envelheço, vou estranhamente sendo retrato teu sem ser tu”.¹³ E cantar como Roberto Carlos: “Cada vez mais juntos, quem procura por você sabe onde estou!”.¹⁴

6. Matrimônio e Eucaristia

Adapto as palavras do grande Papa João Paulo II aos padres na Quinta-feira Santa de 2005: “O marido (e a mulher) devem aprender a dizer, com verdade e generosidade, também de si próprios: “tomai e comei”. Dele ainda, reproduzo palavras ditas aos estudantes dos Ateneus romanos em 2004: “A minha ‘carne’ – ou seja, a minha humanidade, a minha existência – é para alguém? Está repleta do amor de Deus e da caridade pelo próximo? Ou, pelo contrário, permanece aprisionada na cerca opressora do egoísmo?”.¹⁵

O amor entre marido e mulher e o amor a Deus podem e devem conjugar-se. Para responder a isso, precisamos também matricular-nos na escola do perdão. Disse-me um casal: “O amor que vivemos é como uma história que escrevemos a dois, com nossa vida, todos os dias. O que passou não há mais como mudar... está nas mãos de Deus. Não temos a borracha que apaga nossas precipitações nem os equívocos pessoais que ficam escritos em nossa história conjugal. Mas se não temos a borracha,

¹² *Lumen gentium*, n. 42.

¹³ Carlos Drummond de Andrade, “A Mesa”.

¹⁴ “O amor é mais”.

¹⁵ *L'Osservatore Romano*, 25/12/04, p. 5.



como superamos as crises conjugais, então? Na verdade, quem tem a borracha é o outro. Eu tenho a borracha para apagar as falhas dela, ela tem a borracha para apagar as minhas falhas. Vamos nos lapidando e assim escrevemos nossa história de amor. Ah, é fundamental usar o lápis do amor... Se assim fizermos, a borracha terminará quase intacta no final da história. Portanto, para escrever nossa história de amor sustentada na espiritualidade conjugal, devemos usar a borracha do perdão e o lápis do amor." É como recomendava Benjamin Franklin: "Escreva as ofensas na areia e os benefícios no mármore"!

7. Vencer a apatia

O amor que o casal escolhe leva-o a mortificar sua apatia, preguiça ou mesmo cansaço, porque o amor faz sair de posições cômodas e ir para águas mais profundas. Essa mortificação conduz os dois a uma crescente harmonia e a uma contínua alegria de doar-se, porque, quem pretende ser santo, não pode acomodar-se. O casal pode, sim, 'patinar'; contudo, haverá de encher-se do desejo de progredir, deixando-se guiar pelo Senhor.

O casal nunca está pronto; vive se construindo, aprendendo a amar, a doar-se nos "gestos de ternura que favorecem o dom recíproco pelo qual os esposos se enriquecem ambos na alegria e na gratidão".¹⁶ Que bom se marido e mulher pouco a pouco descobrissem a paciência de Deus, seu amor, sua presença constante na formação de sua unidade. Quando um cônjuge acolhe o outro, vivencia um dos valores que marcaram e marcam Jesus. Na minha vida com a Cida, ela poderia ter dito muitas vezes: "Eu te acolho e te aceito como és, para te fazer como Deus quer!". Sempre me senti acolhido por ela. Sempre. Eu nem sempre a acolhi tão bem, por causa da brabeza, dos momentos de 'burro'. Posso dizer o que disse ao Pe. Caffarel um amigo seu: "Sou o que ela me fez".¹⁷

Tantas vezes no casamento é assim: recebe-se uma pedra bruta e vai-se lapidando, sendo instrumento de Deus. É preciso deixar-se desbastar, para ficar livre do que é impuro. Então, já não se importa o cônjuge em ser como a cana-de-açúcar. Ele perceberá, por graça de Deus, que quanto mais for 'espremido' pelo cônjuge com seu amor exigente, tanto

¹⁶ *Gaudium et spes*, n. 49.

¹⁷ Nas encruzilhadas do amor, ed. Santuário, 2003, p. 17.



mais suco doce será capaz de oferecer. E a moenda em que se passa essa 'cana' tem muitas vezes o nome de oração, de humildade, paciência, amor que se transforma em caridade, para poder amar como Cristo, para poder tirar o véu que cobre o Cristo no outro.

Quanto mais o amor de Cristo estiver entranhado no casal, tanto mais o casal se amará. E os dois poderão dizer-se: "No teu amor por mim, vejo o amor de Deus que vem ao meu encontro; no meu amor por ti, uno-me ao amor de Deus, que pede o meu coração emprestado para te amar".¹⁸ A vida que levam indicará quanto a presença de Cristo os modela. Se se deixam como argila nas suas mãos de oleiro, Ele os tornará dia a dia mais conformes à sua imagem.

8. As dificuldades no caminho

Diferente é a situação daqueles que se esforçam por progredir mas encontram, a cada passo, dificuldades que aparentemente impedem-nos de ir para a frente. A própria dificuldade pode ser o meio de que o Senhor está se servindo para fazer esse casal mais santo. É preciso confiar. "Com fé, esperança e amor", como ensina o velho e bonito canto. É preciso perseverar, pois o Deus de amor sabe por que caminhos nos levar. Não é verdade que Ele nos acaricia quando nos encontra nos desertos da vida?

Casais que não dão importância à sua espiritualidade podem estar trilhando veredas que lhes tirarão o sabor da vida. Pe. Fábio de Melo, numa bela canção, adverte: "Prepara o que serás no que és". E o autor sagrado, lá no Eclesiástico 25,5, alerta: "*Como acharás na velhice aquilo que não tiveres acumulado na juventude?*".

O tempo é agora; por isso chama-se **presente**. É bom, pelo menos de vez em quando, dar uma espiadinha na eternidade, porque "*não temos aqui cidade permanente*".¹⁹

O Papa sempre se dirige ao mundo, aos homens de boa vontade. Mas, faz pouco tempo, quis falar mais diretamente a nós, brasileiros: "O matrimônio é um grande dom que Deus fez à humanidade. Respeitai-o, venerai-o".²⁰ Estão aí a desrespeitá-lo, a profaná-lo, tantos programas

¹⁸ A missão do casal cristão, Pe. Caffarel, Loyola, 1990, p. 79.

¹⁹ Hb 13,14.

²⁰ Bento XVI no encontro com os jovens no Pacaembu, SP, 10/5/07.



de televisão, tantos esconderijos vermelhos da Internet em que a beleza da união de um homem e de uma mulher é deformada, aviltada, desumanizada, até. Ecoam atualíssimas as palavras do Apóstolo: “*Vós todos, considerai o matrimônio com respeito, e conservai o leito conjugal imaculado, porque Deus julgará os impuros e os adúlteros*” (Hb 13,4).

Xavier Lacroix, doutor em Teologia e professor de moral familiar na Faculdade de Teologia de Lyon, na França, ensina que “a sede do sacramento não está somente no altar, mas também na cama, na mesa, na casa”.²¹ Só para falar da **cama**. Numa Carta Mensal das Equipes de Nossa Senhora de 1998, um presbítero afirma: “Quando o sacerdote está no altar e diz para o pão e o vinho ‘Isto é meu Corpo’, doando o Corpo de Cristo para a santificação de cada cristão, assim, no mesmo altar do leito conjugal, está o marido, está a esposa, num estreitamento incomparável, onde um quer ser o outro, tão outro que ele se perde. Nesse momento, marido e mulher poderão mesmo dizer: ‘Isto é meu Corpo’. E, assim, os dois realizam a comunhão e nela a Eucaristia, a ação de graças, a bênção que sobe da terra ao céu”. São João Crisóstomo diz da Eucaristia o que aplicamos agora ao casal com o Senhor: “Convosco nos fundimos e assim, por vós, nos tornamos um só corpo e uma só carne”.²²

9. A submissão mútua

No casamento, o grande desafio é o que está colocado na carta aos Efésios (5,21-33). Precisamos purificar o nosso amor, torná-lo sempre mais parecido com o de Cristo pela Igreja. Quando Paulo aponta Cristo como referência – “*Ora, assim como a Igreja é submissa a Cristo, assim também o sejam em tudo as mulheres a seus maridos*” (v. 24) –, ao mesmo tempo abre a cortina para um panorama fantástico, uma belíssima tarefa. O que fez Cristo pela Esposa? Encarnou-se, deixou-se em alimento na Eucaristia, morreu para salvá-la. Notemos que o marido está, na frase paulina, no lugar de Cristo; a mulher, no da Igreja. O que incumbe ao marido fazer? Aquilo que fez o Senhor: ‘encarnar-se’ na vida daquela que Deus lhe deu como ajuda. Como? Servindo, amando, dialogando, perdoando, morrendo de amor e por amor. Não só no primeiro ano de casado, ou até o terceiro, mas sempre. Ele, que se alimenta da Eucaristia, torne-se Eucaristia para a esposa, para os demais, como acentuava João



Paulo II no Congresso Eucarístico Internacional de Sevilha. E, sempre que for preciso, morra para o amor-próprio, para o querer ter razão em tudo, para o mandar, *porque o servo não é maior que o seu Senhor* (Mt 10,24).

Que mulher não gostaria de ser submissa a um marido assim? O problema, portanto, não está na submissão da mulher – cultura da época –, mas, ainda hoje, na qualidade do marido, especialmente num matrimônio cristão. Que os casais dêem, um ao outro, o melhor de si. Se eu me esvazio, tu crescerás; se eu rezar, tu te santificarás; se eu perdoar, tu te libertarás; se eu estiver aberto ao diálogo, tu te abrirás; se nos dermos, Deus se nos dará! Sim, porque foi Ele que me chamou para caminhar contigo a fim de, juntos, chegarmos um dia à Sua presença e com Ele vivermos pelos tempos infinitos.

Endereço do Autor:

Rua Osvaldo Cruz, 608

Bairro do Estreito

88075-270 – Florianópolis – SC

21 in “A espiritualidade conjugal”, ENS, São Paulo, 2006, p. 28.

22 Comentários do evangelho de São Mateus 82,5.